

Vida em Frames

Fragmentos de um ator/performer em processo: conexões entre arte-vida e o cuidado de si.

Uberlândia
2019
Gustavo Martins da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Teatro pelo Programa de Graduação em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pelo Prof. Dr. José Eduardo De Paula

Vida em
Frames - Fragmentos de um ator/performer em processo:
conexões entre arte-vida e o cuidado de si.

Gustavo Martins da Silva

Vida em

Frames - Fragmentos de um ator/performer em processo: conexões entre arte-vida e o cuidado de si.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Teatro pelo Programa de Graduação em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pelo Prof. Dr. José Eduardo De Paula

Banca Examinadora

Uberlândia, 10 de Julho de 2019

Prof. Dr. José Eduardo De Paula

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Mara Lucia Leal

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Mariene Hundertmarck Perobelli

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2019

Agradecimentos:

Talvez a minha primeira grande aventura se encerre agora: Graduar. Ter tido a oportunidade de refletir tanto, buscar, questionar e hoje poder voltar pra casa com uma esperança que não é só minha, mas também dos meus pais, irmão, vó, tias e primos e poder compartilhar com eles e com o mundo tudo o que descobri nesses últimos cinco anos de muita busca, me deixa contente. A liberdade é possível e real, e a gente pode lutar por ela. Hoje posso ver que há tanta coisa mais importante de se priorizar, como saúde, o amor das pessoas que nos cercam, por exemplo. O restante é trabalho duro, mas que todos nós com um pouquinho de saúde e força conseguimos. Por tanto, é com muita alegria que quero agradecer ao sol, por me dar energia todos os dias; a minha mãe por ter me gerado, cuidado e nutrido durante tanto tempo; ao meu pai por me guiar e ensinar sempre o melhor com o seu exemplo; à ambos novamente porque me ensinaram a ser forte e perseverante acima de tudo, e de onde herdei tudo, inclusive a sabedoria; aos meus avós e antepassados, por tudo que caminharam pra que eu chegasse aqui; aos meus amigos, todos aqueles que já se foram e os que ainda me acompanham; ao seu Tertuliano Kavêra, Lorrainy Capaprêta, Marcinha Velaprêta e a Toninha 7fumaça; e todos os demais que me ouviram reclamar da graduação, incluindo primos, tios, atendentes de caixa entre outros.

Resumo:

Depois que minha mãe faleceu de câncer em março de 2017, me vi perdido em meio ao luto e questionamentos sobre a vida. Decidi então dar início a um mergulho em minhas vivências, a fim de compreender o que compõem esse meu universo. Eis que surge o trabalho com a foto e a possibilidade de exteriorizar meus sentimentos, confusões e perguntas que tenho sobre meu eu.

Vida em frames é um trabalho onde reflito através da fotoperformance algumas memórias que vivi. É parte de uma jornada de autoconhecimento e cuidado de si, em que se entrelaça vida e arte.

Palavras-chave: Cuidado de si; autoconhecimento; fotoperformance; arte-vida.

Sumário

1- Por onde começo.....	7
2- 1994.....	9
3- CRYBABY.....	14
4- Furacão (no olho do furacão).....	21
5- Bicho-Homem encurralado.....	28
6- BANG BANG.....	35
7- Saia já do Aluguel!.....	42
8- O fim é o começo e o começo é o fim.....	50

Por onde começo

Andei pensando ultimamente sobre muitas coisas. Mas principalmente sobre as minhas reais intenções com este trabalho, e uma delas é como as coisas não saem ou entram no nosso planeta. Como na verdade já está tudo aqui e o que fazemos é transformar uma coisa em outra. Algo como do petróleo para o plástico. Do lixo (se feito de maneira correta) se transforma em tantas outras coisas como, por exemplo, em energia, reciclagem, etc. Como o mundo é redondo, representando um ciclo sem fim, onde tudo nele nasce e logo se transforma e se transforma e se transforma.

Penso que o mesmo acontece com as energias, os sentimentos. Quando somos feridos, recebemos uma ofensa ou somos agredidos, isso fica na gente, passa pela gente, nos atravessa. Se simplesmente reagirmos, existe uma grande possibilidade de passar essa mesma energia para o outro, como um fio condutor, como parte de uma cadeia. É uma tarefa árdua olhar para nossas feridas e dores, que de alguma forma nos causam sentimentos e sensações que muitas vezes desconhecemos, mostrando-nos o quão difícil é darmos conta dessa energia sem transmitir para o outro em forma de violência.

Por isso acredito na potência da arte como lugar de possibilidade para colocar toda essa dor e energia violenta, que também pode ser de alegria e amor. Acredito como ato de quebra de cadeia, como espaço de cuidado de si e do outro/todo. Por isso utilizo minhas questões na arte que faço.

O mesmo acontece em meu universo. Há muitas memórias, sentimentos, que já estão aqui comigo em meu universo, mas que desconheço suas razões e suas origens, causando em mim reações que por muito tempo foram incompreendidas e que já não as quero mais comigo. Hoje quero a mudança, quero a transformação e meu primeiro passo está na intenção como ação condutora de minhas buscas. Outro passo importante dessa jornada é o reconhecimento da minha própria história, um livro que leio e releio buscando entender, buscando novas possíveis interpretações para minhas memórias.

Sendo assim, parte do meu trabalho é colocar no papel e na ação minhas dores e angústias para que eu às reconheça e se possível for, não repetir de forma desmedida em outras pessoas. Sempre tive a ideia de um beliscão, no qual você recebe um e precisa de muita força para não reagir beliscando de volta ou em qualquer outra pessoa, sem passar a violência adiante. É uma tarefa muito ambiciosa e consigo imaginar que este trabalho não dê conta de tudo, mas faço dele meu ponto de partida.

Hoje vejo que a arte pra mim é esse espaço de transmutação, de colocar todas essas energias e cargas que recebemos e transformar em algo que de alguma forma não seja transferir dor para alguém. Meu fazer é sobre quebrar uma corrente de dor, abusos, desequilíbrios que muitas das vezes nós não sabemos lidar e que de alguma forma precisa ser transmutado.

É sobre me acolher, acolher minhas humanidades e pensar possibilidades pra elas.

É tudo isso é um trabalho que demanda muita honestidade, força, coragem, empatia, humildade, sabedoria entre outras tantas virtudes. Honestidade pra saber reconhecer meus erros, minhas falhas, contradições, hipocrisias, humanidades. Força pra olhar minhas sombras e feridas e com muita coragem respeitá-las, atendê-las, como um ato de reparação de toda uma rede, onde se eu sinto você sente também. Empatia pra saber que o outro é tão humano quanto eu, que sente, sofre e que, portanto, não merece que sinta a mesma dor. Sabedoria para seguir buscando por conhecimentos e formas de quebrar esses ciclos destrutíveis em mim, que por sua vez também é pensar no outro, é reconhecer de vez as nossas diferenças e colaborar com a liberdade para todos.

Não penso que a liberdade seja um tópico importante apenas para o artista. De alguma forma queremos ser livres para criar, por outro lado tampouco penso que essa tal liberdade seja de usufruto apenas de uma classe específica, isso só revela o quão delicado as relações de poder são e podem estar nos grupos com as melhores das intenções. Todos nós somos merecedores da liberdade, afinal de contas a expressão, parte fundamental da ação artística, é inerente a todos os seres humanos.

Sendo assim, acredito que com a foto exista esse papel democrático de comunicação, com a qual todos são capazes de ler se pensamos numa sociedade onde ainda estamos divididos entre pessoas alfabetizadas e pessoas não alfabetizadas. Minha escolha em trabalhar com imagem, depois de um tempo, vem também com esse interesse de incluir o outro na obra, de modo que ele não precise entender os códigos teatrais, métrica, linguística ou idiomas, para acessar o conteúdo da imagem. Todos em alguma medida sonham, imaginam, aprendem e apreendem com os sentidos e a imagem nos inclui.

Pensando na relação de transformação do universo, o que me proponho aqui é justamente tentar entender minimamente como se compõem parte do meu universo pessoal e se possível for, tomar consciência dele para tornar-me um participante presente e ativo na construção de minha próxima transformação.

1994

*Missão cumprida.
Agora é com vocês!*

**Hospital e Maternidade
Santa Clara**
Av. João Pinheiro, 289
Fone: 236-2400 - Uberlândia-MG

CERTIFICADO DE NASCIMENTO

NASCI, BRILHO MAIS QUE UMA ESTRELA, TENHO MAIS CALOR QUE O SOL, MAIS ENCANTO QUE A LUA, MEU NOME É:

NASCI ÀS _____ HORAS, DO DIA _____ DE _____
DE 19 _____, COM O SEXO _____ PESO _____ KG.
COMPRIMENTO _____ CM.
TENDO _____
_____ E _____
_____ COMO PAIS.

**BABY
FOFO**

212-3205



Eu nasci em 1994. Filho de Wilber Martins de Almeida e Meiry Aparecida da Silva Almeida. Ele, a máscara da comédia. Ela, a máscara do drama. Aqui começa a minha trajetória.

Meu pai um operário, nascido em Paranaiguara (interior de Goiás), estudou até a sétima série, mas mesmo assim, com habilidades e um raciocínio que sempre me surpreenderam, como a perspicácia de concertar coisas ou mesmo inventar bugigangas extremamente úteis e com o seu estilo único, um engenheiro sem título, um palhaço sem nariz, porque, além de tudo, sempre teve uma piada na ponta da língua, às vezes sem graça ou às vezes muito inteligente, descobriu na arte de sorrir uma arma pra conseguir superar as dificuldades e os tempos tempestuosos.

Minha mãe, também nascida na mesma cidade, por sua vez era estudante, diarista e dona de casa, também nascida no interior de Goiás, de uma família que veio da Paraíba à procura de novas oportunidades e de crescimento financeiro. Estudou em um primeiro momento também até a sétima série, mas depois de alguns anos voltou pra escola porque estudar sempre foi um sonho dela, e assim, com premiações de melhor aluna da sala, conseguiu concluir o ensino fundamental. Ao contrário do meu pai, que o vejo como uma criança hiperativa, minha mãe era bastante séria, com uma capacidade de analisar a situação, de colocar os pés no chão e ao contrário do seu esposo que tinha uma personalidade mais cômica, ela por sua vez era mais trágica.

Um engenheiro e uma professora: é assim que os enxergo e assim que os vejo, mesmo que em suas trajetórias de vida talvez a sociedade tenha insistido em enxerga-los de outras formas.

Tenho também um irmão mais velho, Guilherme Martins da Silva, caminhoneiro, estudou até o primeiro ano do ensino médio; entre nós, três anos de diferença, mas que talvez mais do que a diferença de idade, temos tantas outras diferenças que ainda não compreendemos ou pelo menos ainda estou me dando conta.

Sempre tive uma conexão muito forte com a minha mãe, conexão essa que com o tempo vou compreendendo mais em mais. Éramos mãe e filho e também amigos. Hoje reconheço que à admiro demasiado por sua força, força esta que reconheço haver herdado.



Desde criança vivi a sombra de uma questão que sempre me incomodou e sempre me gerou muitos questionamentos e buscas por respostas. Mais ou menos aos 04 anos de idade, sofri um abuso sexual por um primo homem, mais velho que eu. Eu com 04/05 anos, ele com algo entre 16/18 anos de idade. Esse fato me gerou muitas questões, sofrimentos que ainda estou por entender e resolvê-los comigo mesmo.

É complexo falar sobre isso, porque envolvem muitas questões, sentimentos, sensações e memórias, mas por estar nessa trajetória de compreender o que isso me causou e o que representa em quem sou hoje, já não me incomoda tanto quanto já incomodou.

É complexo também porque me lembro de gostar do que era feito, e assumir que sentia prazer com um abuso na infância, de um ponto de vista moral é estranho. Não sabia do que se tratava e por isso, para minha criança, não havia nada de sujo ou errado naquilo, era como uma brincadeira. Pra mim uma brincadeira sem nome, para o ser que praticava comigo e que já estava próximo da maioridade legal e sabia o que estava fazendo, um crime.

Depois de descobrir que se trava de sexo, que por sua vez era algo praticado apenas por adultos, também teve outro agravante que foi descobrir que “sexo entre dois homens é algo errado, muito errado”, e por esses motivos me culpei duplamente.

O que se passou depois dessa história foi reflexo dessa experiência que de alguma forma me chega como um ponto de partida, como um início de várias perguntas que eu tinha por fazer pelo mundo e que fui atrás de respostas.

Um misto de sentimentos. Quando passava algo na TV sobre abuso, tremia todo, como se quisesse esconder algo que meu corpo queria e precisava falar sobre. Eu tinha o sentimento de ser “amaldiçoado”, pois pensava “por que comigo?” “eu fiz algo pra merecer isso?”.

Com o tempo, fui entendendo que infelizmente e tristemente isso é comum no Brasil e no mundo, e não tão distante, na minha família era algo recorrente, como um padrão negativo que se repetia com frequência. Essa minha busca por compreender o porquê isso ocorreu comigo e infelizmente com outros membros da minha família, vítima de outras pessoas, me fez enxergar certa vulnerabilidade social em nossa família, algo que hoje consigo enxergar estar sendo reparado graças ao acesso à educação, onde eu, primos e tias com a oportunidade de estudar e conseqüentemente acessar o conhecimento estamos em um grande processo de se reconhecer indivíduos com direitos e deveres como qualquer outro.

Contei uma vez para meus pais, eu tinha 16 anos de idade e foi um choque para ambos. Eles não sabiam até então. Tampouco souberam o que me dizer naquele momento. Minha mãe havia passado por experiências parecidas e sei que doía muito nela e que imagino não havia elaborado bem estas questões consigo e que por esse motivo, não souberam o que me dizer ou como agir. Não os culpo nem cobro qualquer outra reação, compreendo, respeito e amo.

Hoje sei que eles deram tudo o que puderam para que eu pudesse buscar por informação e discutir sobre essas questões em diversos espaços, me deram suporte para que hoje eu fale sobre o tema em minha conclusão em uma graduação de nível superior em uma universidade federal. E por isso sou eternamente grato.

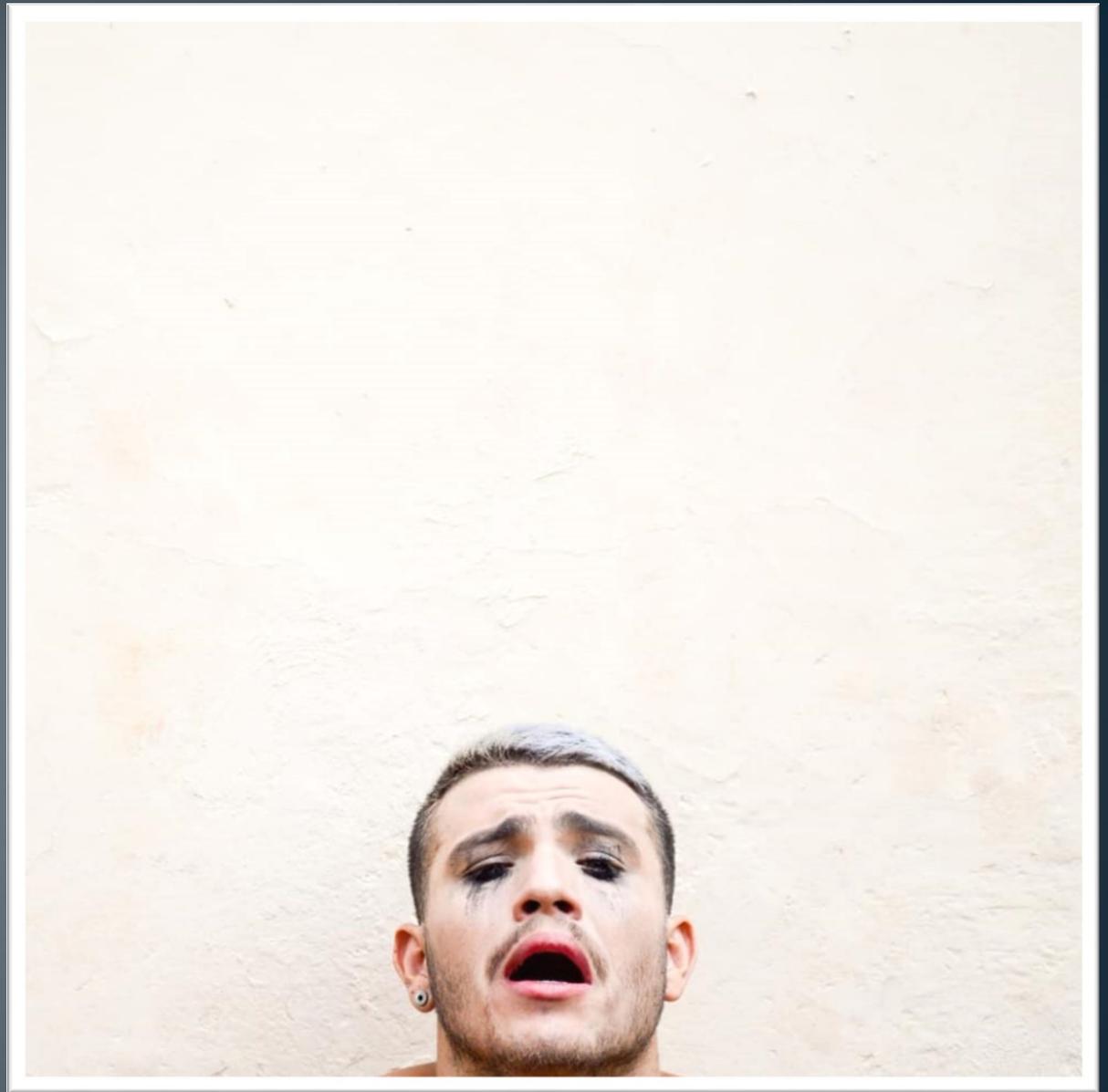
Por que contar tudo isso sobre mim e contextualizar sobre minha vida e minha história nesse trabalho? Acredito ser importante quanto ao cuidado de si, mas será que é tão necessário assim? Questões como estas me passam enquanto trabalhava em minha escrita. Mas também hoje penso, por que não falar? Qual é o medo em falar sobre uma história. Talvez isso me mostre o quanto uma história ainda pode machucar. Por outro lado, hoje acredito na possibilidade de transformar essa história e compreende-la a ponto de não me machucar mais.

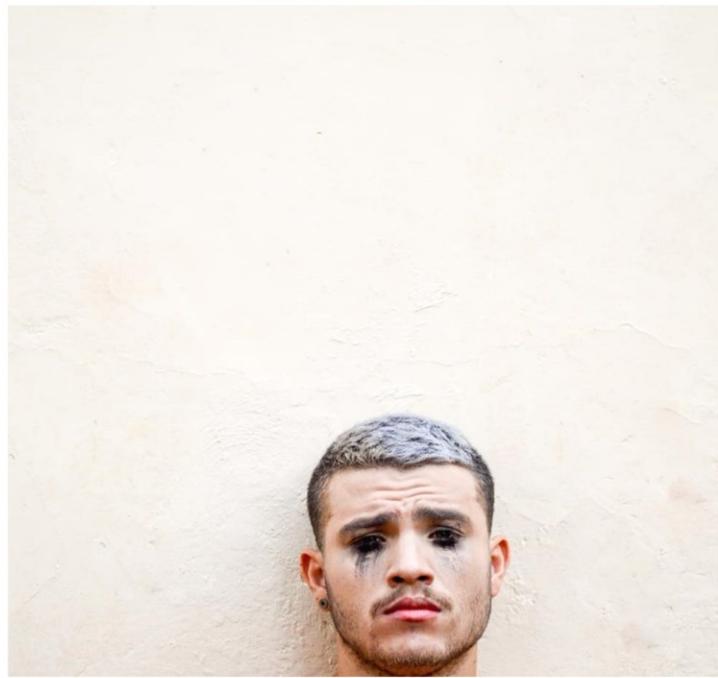
O perigo em não falar sobre é aceitar a primeira e única conotação ou significado que aquilo teve. Isso já teve um peso muito grande em minha vida, que hoje depois de ter contado de novo e de novo e de novo, sinto que fui mudando o significado dessa história e até mesmo percebendo que algo do meu passado não pode determinar o que vem em seguida na minha trajetória.

C r y B a b y

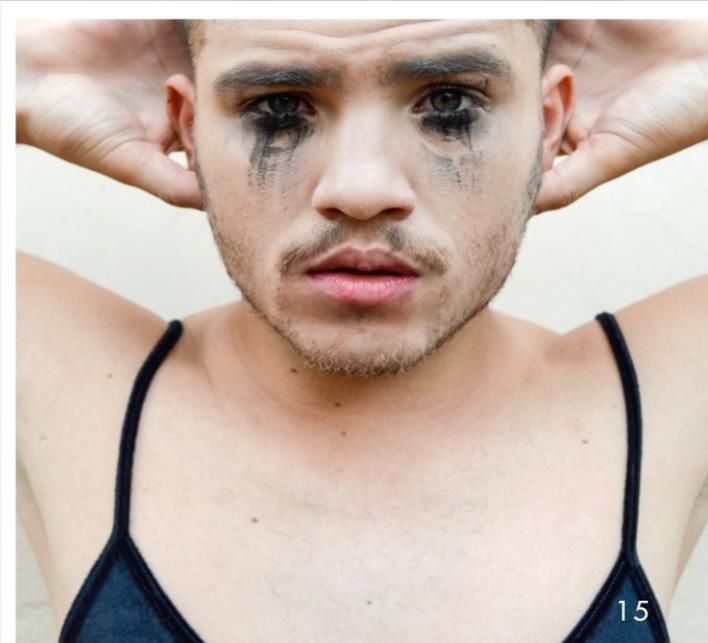
Nossas noções sobre o que é frágil, fraco, de nada correspondem com a realidade.

Se permitir ser sensível, vulnerável, se entregar. Essa é a minha força.



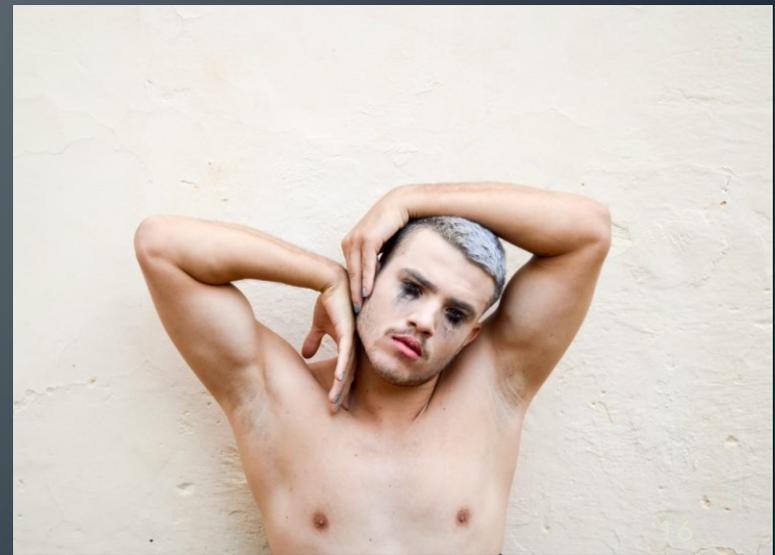


Há muito da
minha criança
aqui. Ela ainda
vive em mim.
Alegre,
contente, mas
também
chorona e
emburrada. E
eu me recuso
matá-la,
congelar ou
enrijecer. Me
recuso. Quero
ainda chorar,
espernear, subir,
saltar, galopar.
Peito aberto.
Criança de
peito aberto.
Fácil de ser
ferida mas
também força
de ser coragem.





E este corpo chora, chora muito. Mas isso não te interessa, interessa? Você quer só uma parte, a parte que presta. Você quer esse corpo limpo e pronto pra festa. Você não quer este corpo borrado de choro, quer só o belo que me infesta. Vem, visita, pega o que quer e depois me deixa no canto chorando. O motivo do choro nunca lhe interessa, tampouco o salgado das lágrimas, quiçá o suor da testa. Vem e só pega o que presta - o que lhe presta - e foda-se o que resta.



Sempre fui muito sensível, mais apegado a minha mãe. Ser sensível no geral é associado ao feminino, deixando que esta qualidade seja algo exclusivo de “meninas”. Cresci muito confuso e inseguro quanto a isso, já que cresci numa família que nem mesmo as mulheres tiveram tanto espaço para serem sensíveis assim, afinal de contas, precisaram aprender antes de tudo a serem fortes. Mas essa noção de que sensibilidade se opõe a força é algo que venho descobrindo ser uma percepção equivocada.

Comecei a fazer aulas de balé clássico em um projeto social que aconteceu onde cursei o ensino fundamental, mas minha vontade era mesmo ter feito Teatro. Assisti minha prima Lais Monteiro apresentando suas peças de teatro, em festivais de sorvete realizados pelo seu grupo, aos seis anos de idade e me encantei, sabia que queria fazer aquilo. Uma de minhas memórias de infância que gosto é de ir ao teatro assistir a minha prima e no fim da apresentação subir no palco e brincar de imitar aquilo que eles estavam fazendo ali. Depois disso, toda apresentação que ia, esperava acabar para já ir correndo subir no palco.

Fiz boa parte do ensino fundamental na Escola Municipal Eurico Silva, que fica no bairro São Jorge, onde cresci e sempre morei aqui na cidade de Uberlândia. Recebi o convite para participar de um projeto cultural quando estava na terceira série, havia entendido que seria teatro, levando em conta a vontade que eu já tinha, vi nesse convite uma oportunidade.

As aulas seriam nas manhãs de sábado. Conversei com os meus pais, nos organizamos e fomos. Chegando lá, tive uma grande surpresa: as supostas aulas de teatro, na verdade eram aulas de balé e sapateado, ministradas por professores/alunos do núcleo de danças Vórtice, uma escola renomada de danças aqui da cidade.

Fiz a aula, fiquei encantado com os movimentos e principalmente com as músicas, isso sem contar que só tinha eu e mais outro menino, o restante eram meninas de meias-calças rosa e coque. Saí da sala após a aula um pouco frustrado, afinal de contas era teatro que eu pretendia, queria atuar, mas também um pouco animado, afinal de contas era algo novo pra mim e eu sempre ameí me movimentar. Fui ao encontro dos meus pais e lhes contei que se tratava de dança e não teatro, e então me disseram: “Já que estamos aqui, por que você não faz e vê se gosta?”.

Fiz e gostei, na verdade me encantei, tanto foi que logo no mês seguinte, fui selecionado para ganhar uma bolsa e estudar na escola Vórtice, evoluindo do projeto social para aulas diretamente na academia de dança. Era muito gostoso, tirando a parte de acordar cedo, sempre estava rodeado de meninas, íamos brincando na van e voltávamos fazendo muita bagunça. Lembro que nessa época eu só tinha amigas meninas, não andava muito com os meninos. Tampouco me questionava sobre isso, me parecia normal, natural.

Dancei durante três anos, dos oito aos onze. Eu amava, amava a sapatilha, o macacãozinho colado no corpo, pisar nas pedrinhas de breu para a sapatilha não escorregar, os figurinos, decorar a sequência das músicas nas aulas, mas acima de tudo eu amava apresentar. Era sempre muito bom, meus pais e quase todos os meus familiares iam me assistir (e olha que a família é grande!), e ficavam felizes comigo. Minha mãe contava que meu pai se emocionava muito me vendo dançar.

Eis que surgiram então as primeiras brincadeiras ou ofensas disfarçadas de brincadeiras, onde me chamavam de “veadinho”, “bichinha”, “mas balé? Balé é coisa de gay!”. Na época eu não sabia ao certo o que era gay, mas sabia o suficiente para entender que da forma como as pessoas falavam, ser gay era ser socialmente inferior e que de alguma forma estavam me agredindo. Inesperadamente e refletindo sobre o tema agora, essas ofensas me acuaram e me causaram uma reação de repulsa sobre o balé e sobre me expressar como eu era, afinal de contas eu não queria ser menos ou algo ruim e ser afeminado e/ou gostar de elementos socialmente associados ao feminino também é reconhecido como menos ou fraqueza.

Resultado: Deixei o balé, não porque não gostava, e sim por não ter forças para me sustentar em uma prática que socialmente não é vista como “coisa de menino”! Não sabia como lidar, mesmo tendo apoio dos meus pais. Nunca contei para eles – mas será que eles saberiam me ajudar?

Não era sobre beijar pessoas do mesmo sexo, era sobre me expressar, sobre dançar, movimentar o corpo e principalmente sobre os elementos que envolvem a linguagem da dança. Era sobre ser criança.

Abandonei o balé para me tornar um agressor também, uma vez que não era bailarino mais, já não tinha do que ser acusado e com isso me juntaria ao time dos ofensores para xingar outros garotos sensíveis de gay também. Em mim causou essa reação. O que somos capazes de fazer por não sermos capazes de ser!

Sempre rolou piadinhas. Sempre rolou cobranças. Na forma de ser homem, de me portar. Seja homem. Homem não chora. Homem não dança balé. Homem não dança. Homem não rebola. Não usa sapatilha de ponta. Corta as unhas bem curtinhas. Não passa maquiagem muito menos alisa o cabelo. E com essas cobranças fui formando o meu corpo ou seria restringindo? Duro, rígido, com medo de “desmunhecar”, rebolar.

Eu deixei de rebolar. Deixei de quebrar o punho, de usar rosa, de dançar livremente por puro preconceito. Eu não sabia quem eu era, mas já sabia quem eu supostamente não poderia ser. Consequentemente não existia felicidade em ser eu, porque quem eu sou não podia ser. Só existia caos e dor.

Meu movimento foi enorme até reconhecer que sou alguém, digno de proteção, respeito, consideração. Que sou sensível e feliz por sê-lo. Gosto de rebolar, de maquiagem, salto, vestido, cor rosa. Essa é a minha força.

Hoje os elementos que me interessavam no balé, uso em outras formas de expressão como a fotografia, a arte drag e até mesmo no teatro.

Já olhei com muita dor pra essas memórias sobre ter deixado o balé ou sobre o que me fizeram sentir por simplesmente ser quem sou. Mas agora escolho meu destino, estou vivo e se quiser ser bailarino ainda posso ir atrás, com a consciência que hoje tenho.

Com o resultado de CRYBABY percebi algo da minha personalidade que não era tão consciente: o choro. Meu choro está sempre presente no meu processo de aprendizado, de sensibilidade. Me emociono muito e se aprendo algo choro, se descubro algo novo choro, se reconheço algo também choro, ou seja, o choro pra mim está relacionado a algo muito pessoal e particular de minha personalidade. Consegue imaginar o impacto que uma frase como “homem não chora” pode causar na vida de alguém como eu? CRYBABY.

Com pele,
ossos, veias e
SENTIMENTOS

·
Meu coração
pulsa e busca.

No fim,
humano,
finito,
passagem,



E
quando
eu
encontr
o o que
ele
procura,
ele se
acalma
e
descans
a.

Furacão (no olho do furacão)





Minha relação com a foto não começou agora. Na minha adolescência comprei um celular desses que tiravam fotos, logo quando essa tecnologia começou a se expandir, usava esse celular para fazer algumas fotos. Comecei a me expressar através da foto, embora não fosse algo consciente e por isso, por algum tempo confundi expressão com certa prática egóica de ficar me olhando pelas fotos. Fato é que olhar a minha imagem expressada através de um quadro estático, uma foto, sempre me ajudou a me reconhecer enquanto indivíduo.

Então basicamente esse processo de tirar uma foto e se ver através dela, se reconhecer pra além daquela imagem, é um trabalho que intuitivamente eu já fazia, mas que tampouco tinha ideia de aonde poderia me levar e/ou qual a importância dessas fotos, uma vez que a maioria delas guardava pra mim e não mostrava pra ninguém.

Meu primeiro contato com o que aqui chamo de fotoperformance ou foto expressão aconteceu em 2017, através de um convite feito por Thiago Augusto, na época aluno recém formado também pela Universidade Federal de Uberlândia. Ele tem um projeto chamado Estes Humanos¹ o qual tem como objetivo criar narrativas através da fotografia. Havíamos começado a planejar esse nosso encontro muito antes, ele com o interesse em dar continuidade a seu projeto em que convidava atores da cidade para atuar em seus filmes fotográficos ou cenas fotográficas e eu procurando por experiências.

Quando ele me fez o convite e explicou do que se tratava, logo perguntou: “o que você gostaria de falar em um ensaio fotográfico?” Disse-lhe que a foto sempre me chamou a atenção e que naquele momento estava com algumas questões com a minha autoimagem e que se fosse possível gostaria de explorar esse tema com as fotos.

Essas questões proviam das minhas relações no curso de teatro (IARTE/UFU), mas não somente, em que por algumas pessoas eu era considerado beleza padrão, mas que isso me incomodava por duas questões. Em primeiro lugar, eu já detestava ser considerado bonito, pelo fato do abuso sexual na infância e por não ter tido qualquer tipo de orientação, entendia que o abuso sofrido tinha total relação com a minha beleza e que por isso eu constantemente atrairia abusadores em potencial. Logo, eu detestava ver e pensar que alguém se aproximaria de mim por simplesmente me achar bonito, não me sentia seguro. Segundo por me julgarem como um privilegiado por ter traços de uma beleza padrão que tampouco davam conta da totalidade da minha existência. Ou seja, ambos incômodos estavam relacionados à discriminação e estigma que eu não conseguia lidar até então. Essas questões apontadas não foram apresentadas ao Thiago, apenas o que me incomodava ou que eu não sabia lidar com a minha própria beleza.

Dito tudo isso, escolhemos alguns elementos, criamos o nosso subtexto e fomos para a ação, para o jogo com a câmera.

Espelhos, tecidos, tule, sombra, farinha, tecidos coloridos, manequim e máscara de gesso, foram os elementos escolhidos ali para trabalharmos no nosso ensaio.

Esse encontro foi de grande aprendizado para mim. Ver que o Thiago pensava em elementos, objetos e como queria que eles aparecessem nas fotos e que as escolhas dialogassem com o que gostaríamos de criar nas imagens, estava me ensinando muito com o encontro. Claro que não sabíamos exatamente onde íamos chegar ou como ficaria essas fotos, o que me mostrou que só tínhamos controle das escolhas dos elementos que trabalharíamos, o resto seria uma imensa surpresa pra gente.

¹ Link para blog de Thiago Augusto <http://esteshumanus.blogspot.com/>



Numa espécie de experimentação livre, escolhíamos locais e elementos para eu brincar com o corpo ou com algum tecido, movimentando e criando minha relação com o espaço e o objeto.

Nessa experiência algumas coisas foram fundamentais para que fluísse o trabalho e que estão para além da imagem. Uma delas, senão a mais importante foi o respeito mútuo. Thiago foi muito respeitoso comigo, me explicando sempre com muita atenção suas ideias e procedimentos para que eu pudesse executar com precisão.

Confiança foi outro ponto fundamental nesse processo de aprendizado, confiar no trabalho do Thiago, em suas propostas e que em algum lugar nós iríamos chegar, me mostrou a importância dos afetos e conexões em um trabalho artístico. O respeito e confiança, embora sejam palavras com significados distintos, acredito que foram, principalmente nessa experiência artística, complementares.

O respeito e a confiança foram essenciais nesse trabalho, pois foi meu primeiro ensaio nu e naquele momento ainda tinha receio em me desnudar diante da câmera ou do público em geral, inseguro com meu corpo, medo de ser invadido ou violado pelo olhar alheio, mas a maneira como nossa relação vinha sendo construída, fez com que me sentisse a vontade com Thiago e tudo rolou com muita facilidade. Fui acolhido.

Foram dois dias de processo e captação. Dois domingos que passamos juntos nos relacionando e criando. Por terminarmos tarde no segundo dia até fizemos um jantar e dormimos no mesmo espaço que ele me disponibilizou em seu quarto. Fotografamos na sala de sua casa, na garagem do prédio, no terreno baldio ao lado, na rua da frente e na encruzilhada da avenida ao lado. Finalizamos.

As fotos ficaram com o Thiago que iria editá-las e eu ficaria aguardando as fotos serem postadas no blog do projeto, mas algo chamou a sua atenção enquanto ele editava as fotos. Enquanto estávamos na ação da captação das imagens, alguns momentos ele me pedia para que eu relaxasse, pois precisava fazer alguns ajustes na câmera, ver a respeito de entrada de luz, configurações gerais e para isso precisava tirar algumas fotos de testes. Acontece que essas fotos lhe chamaram muito a atenção e intrigado com o meu olhar e o que a câmera havia captado, editou essas supostas “fotos testes” e me enviou.



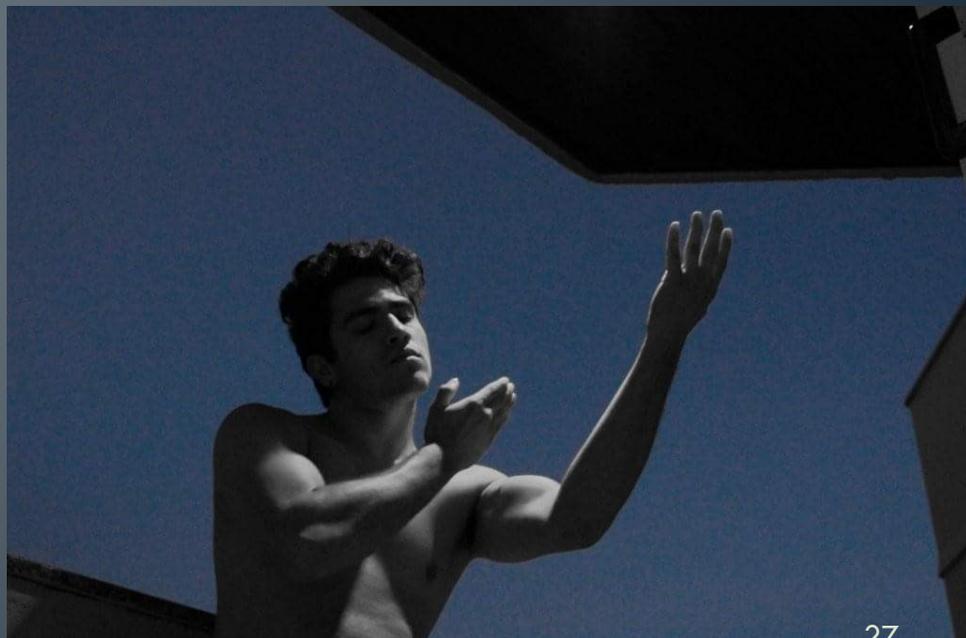
Essas fotos revelavam nitidamente como eu estava me sentindo naquele momento: puramente presente fisicamente, mas perdido emocionalmente. O que Thiago não sabia, era que minha mãe havia falecido uma semana antes do nosso encontro, e que eu estava desolado, perdido, sem rumo, angustiado, e que a câmera nesses supostos momentos de pausa ou de relaxamento, estava captando a mais pura realidade.

Confesso que eu também fiquei extremamente surpreso. Quando ele me enviou as fotos e eu as visualizava no celular, não conseguia fazer mais nada, senão chorar. Era como se alguém tivesse me entendido, era como se ali na foto estava descrito como eu estava me sentindo, tudo o que com palavras eu não conseguia descrever.

Fiquei emocionado e agradecido por essas fotos, pois as imagens me ajudaram a lidar com esse meu processo de luto e todos os sentimentos que não estava sabendo processar ou administrar.



Com o final desse ensaio pude perceber vários momentos de um trabalho. Ele postou em seu blog as fotos, com sua criação narrativa onde eu ali era um personagem que vivia uma viagem onírica através da sua relação com o espelho. Mas tinha também o Gustavo vivo e sem rumo, no que seria para mim um dos momentos mais difíceis até então vividos em minha jornada terrestre. Pude então, com o trabalho desenvolvido, criar sentido e me reconhecer através das imagens captadas. Expresei.



Bicho-homem encurralado



Num canto qualquer se encontra.
Solo. Acuado. Gastando toda
energia em uma ansiedade
desesperada, tentando entender o
que lhe cerca. Babando e
balbuciando palavras que ele nem
sabe o que significam.

O ninho já não lhe cabe. Foi
desmamado. Entregue à selva.

O que faz aí?

O que veio fazer aqui?



Não reconhece o rugido que aprendeu. Não reconhece o bando onde cresceu. Até o paladar se nega à dieta a qual sempre comeu.

Quem são todos estes?

Quem são vocês?

Tentou se movimentar. Saiu do lugar. Foi caminhar.

Pelas ruas arrastou as patas, arranhando com as unhas. Enxergou todos como carne. Quis comê-las.

Quis comê-las ou não quis ser comido?

Querem me comer. Querem um pedaço da minha carne.

A gente come pra não ser comido?

Só de carne vive o bicho?



Conheceu outros espécimes. Socializou. Mas novamente nada entendeu. Voltou.

Qual o seu bando?

Ou é bicho solo?

Precisa de bando?

Pergunta tanta coisa. Que cansa. Sem resposta. Só suposições. Pra que serve tudo isso?



Ali tem raiva. Muita raiva. Uma insegurança que faz atacar qualquer um que se aproxima. Rosna e mostra os dentes quando alguém chega perto. Já nem consegue distinguir o que vem pra ajudar ou pra atacar. Já nem sabe o que mais é seu ou do outro, porque o outro sempre é predador. Inimigo.

Mas o outro sempre é predador?

E quando não?



Nasceu com presas.
Porque uns nascem com
presas, sabia?

Por que uns nascem com
presas?

Uns se veem
abençoados.

Outros se veem
amaldiçoados.

Sou eu amaldiçoadado?

Sou eu?

Calma.

Bicho tem alma?

...

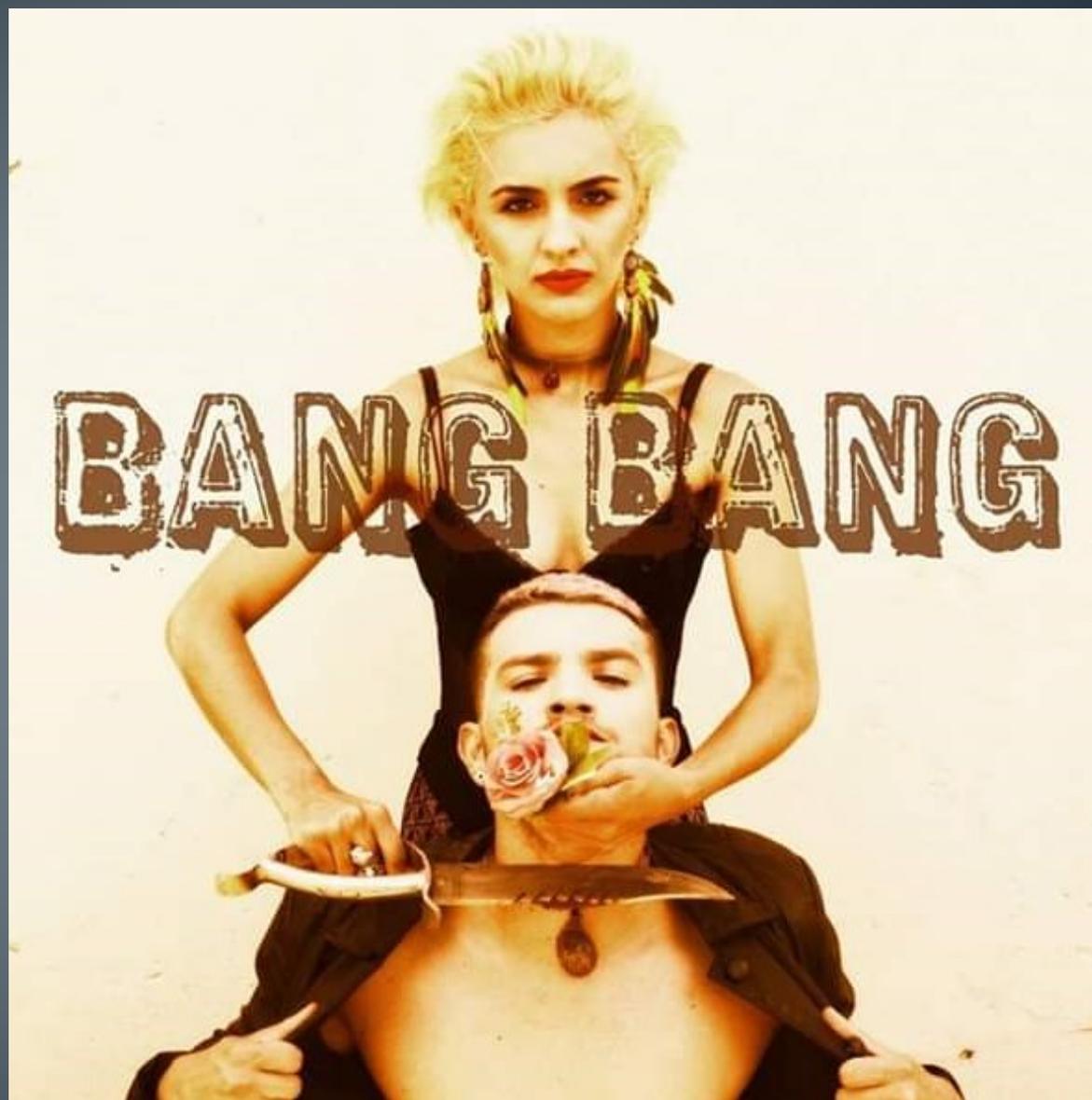




Sem resposta. Só suposições. Cansado. Babado. Já não tem mais energia pra rosnar. Suas patas sedem. Cai no chão.

Dá-se conta que não cresceu, não reproduziu, não morreu.
Só nasceu.

A carne
A alma
O afeto



As fotos aqui apresentadas são de registro automático, autoretrato.

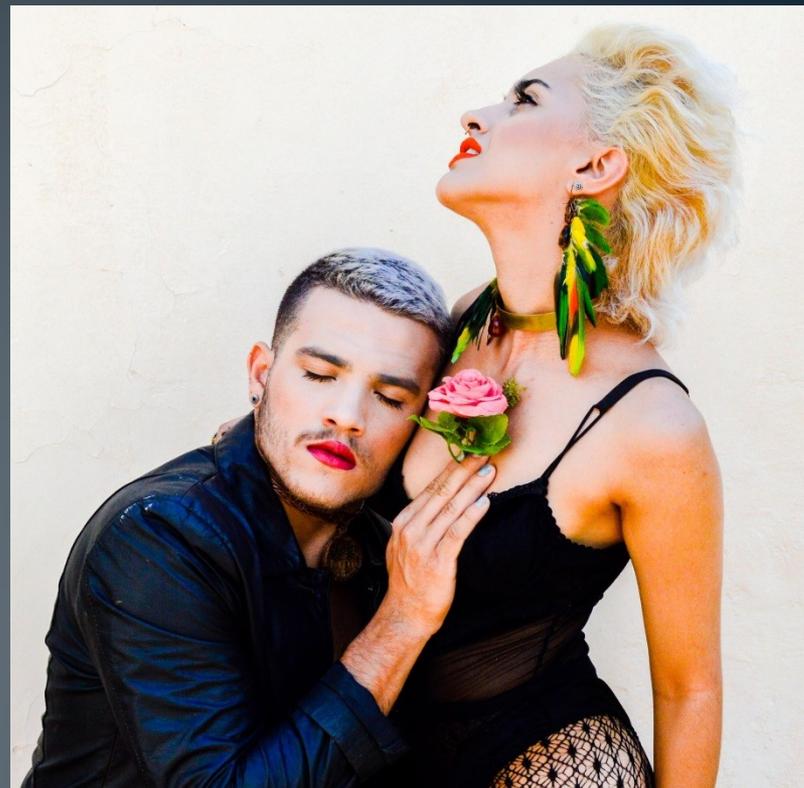
Aqui vou falar de Mariana Guerron e nossas fotos.

Mari é desses encontros lindos que a arte nos brinda. Amiga, sábia, forte, mulher, magia, renovação, lua. Que com uma mão acolhe com a outra corta sua cabeça. Aprendi tanto com ela e ainda aprendo. Minha irmãzinha de bando, de clã, das pira.

Mari cortou minha cabeça e jogou fora, cortou minha cabeça várias vezes.

Também formada pelo curso de Teatro pela Universidade Federal de Uberlândia, nos conhecemos através de um convite para participar da montagem de uma de suas dramaturgias: O Tempo. Com esse trabalho conheci sua cidade, algumas das mulheres as quais ela retratava nessa dramaturgia, sua família. Virei “de casa”.





Ela já tinha um trabalho prévio com fotos e uma afinidade com o cinema. Por muito tempo, enquanto ela ainda estava na graduação, fizemos muita companhia um para o outro, sempre trocando ideias e aprendizados. Mas foi só depois de dois anos de amizade que fizemos nossas primeiras fotos.

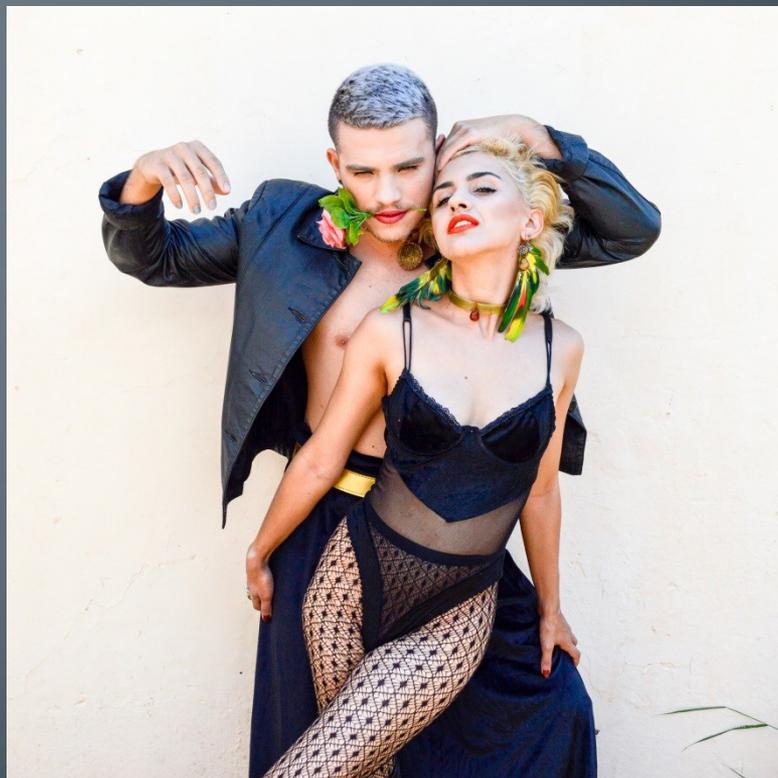
Foi muito mágico e revelador para mim, ver como ela brincava com a câmera, como a foto é um espaço de exploração para ela e que ela me acolheu, me mostrando parte do seu processo criativo e consequentemente me ensinando uma nova forma de se expressar através da imagem.



A meu ver ela é uma pessoa muito sensível e sábia, que busca conhecimento das mais diversas formas possíveis. E de forma generosa compartilhou comigo parte de suas buscas, como por exemplo, as medicinas indígenas, como rapé, ayahuasca, seus estudos com o tarot e interpretação de imagens. Todos esses conhecimentos estão presentes no seu trabalho com a foto e conforme eu ia aprendendo com ela, também ia incorporando tais conhecimentos em minha prática. Com ela aprendi sobre a potência da ritualística na cena.

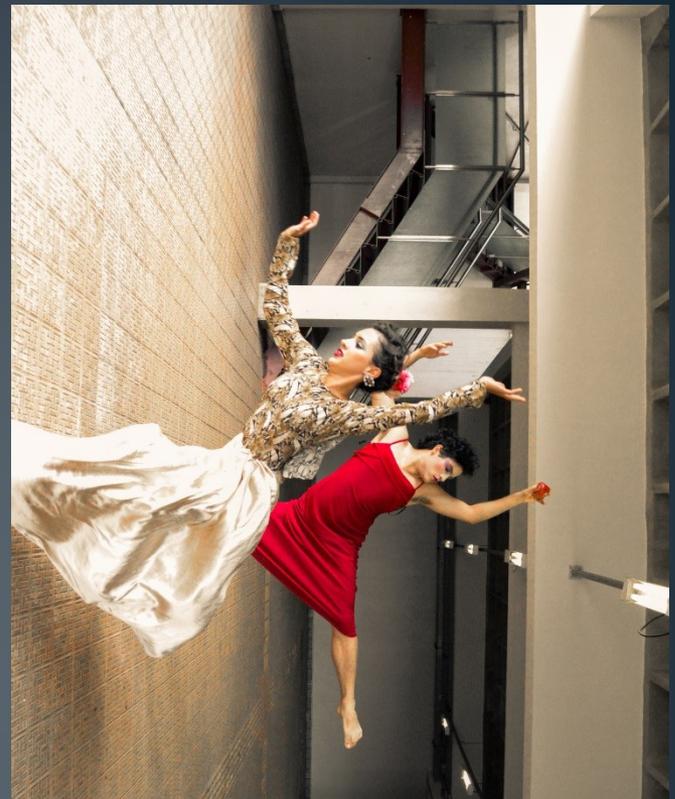
Com o tempo, fomos desenvolvendo nossa forma de criar as fotos. Um de nós dois vinha com a ideia inicial, logo começávamos a nos maquiar ou a vestir roupas do acervo de figurinos que ela tinha, escolhíamos uma música que nos divertisse ou nos fizesse dançar. Em seguida preparávamos uma superfície para colocar a câmera fotográfica em cima, antes tudo servia como apoio: escada, cadeira, tanque de lavar roupa, hoje temos um tripé. Configuramos a câmera para dez disparos em um intervalo de três a cinco segundos e *clik!* Cada momento uma pose diferente, às vezes estáticos, às vezes em movimento, mas sempre uma experiência nova, um movimento novo.

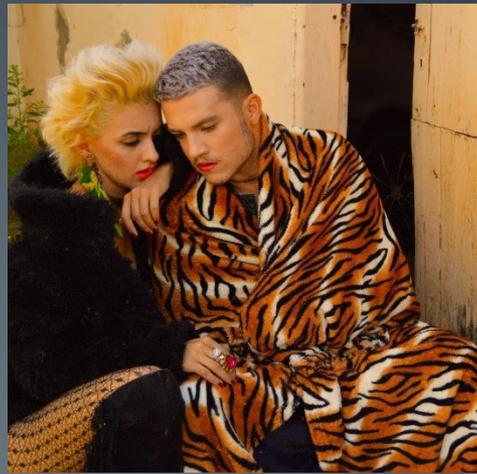
Pra mim o encontro com a Mari representa uma grande quebra de paradigmas, expansão, lançar-se para o novo ou desconhecido. Com ela aprendi que se queremos descobrir algo novo, devemos ter coragem para passar pelas provações e então conheceremos o que antes era desconhecido.





Foi como encontrar com quem brincar. E nossas fotos são feitas assim, tudo como uma grande brincadeira entre duas crianças.





Com o tempo acabei desenvolvendo o meu ritual com a foto e trabalhos artísticos como um todo. Esperar, dar tempo, regar.

Fazemos as fotos e passamos para o computador. Costumo deixa-las quietas por um tempo, como uma massa de pão com fermentação natural, em que você precisa deixar descansando por um tempo, pra que cresça, incorpore, se transforme. Não entendo muito de massa de pão ou de fermento, mas sei que faço assim com boa parte dos ensaios, deixo descansando e em algum momento, volto para ver o que foi feito e então tentar captar os sentidos que a imagem me transmite.



SAIA JÁ DO
ALGUEL!



Ao contrário dos trabalhos anteriormente apresentados, as fotos aqui apresentadas nesse capítulo são registros que partiram de uma performance arte.

Falar sobre esse trabalho, assim como a maioria dos trabalhos artísticos que me proponho fazer, não é fácil. Não é fácil porque meus trabalhos costumam ter uma relação muito direta com minha realidade. São minhas questões pessoais, minhas inquietações e tem extrema relação com o contexto e momento em que estou vivendo. Também percebo que às vezes não tenho maturidade ou forças pra falar sobre, sem peso, sem sofrer, de maneira distante. Nesse trabalho, em específico, eu quis refletir o contexto onde cresci e onde me encontro atualmente.

Sou filho de trabalhadores. Sou neto de trabalhadores. Meu pai já trabalhou como frentista de posto, cobrador de ônibus e seu último trabalho foi ser funileiro de ônibus do transporte público. Minha mãe trabalhou em granja cuidando de pintinhos e galinhas, foi empregada doméstica, dona de casa, diarista e por último trabalhou com serviços gerais em uma escola filantrópica no bairro ao lado de onde moramos. A eles dedico meus esforços.



Meus avós paternos morreram muito antes de eu os conhecer, mas sei que eram trabalhadores do campo, todos do interior de Goiás. Aos 12 anos meu pai já não os tinha por perto e desde então começou sua jornada como trabalhador a fim de se sustentar. Meus avós maternos vieram do interior da Paraíba, trabalhando em lavouras pelo Brasil a fora, passando por São Paulo, Goiás e finalmente vieram parar aqui em Minas Gerais. Ambas as famílias tiveram um grande número de irmãos e filhos, alguns deles já faleceram. Mais precisamente foram 10 irmãos por parte de pai e 12 por parte de mãe. Dos 12 por parte de mãe, restam apenas seis vivos, do qual destes seis minha mãe não faz parte. Por parte de pai restam cinco de 10, coincidentemente metade de cada família, onde a última “baixa” aconteceu em julho de 2018. A eles dedico meus estudos.



Analisando minhas raízes reconheço que sou como todos. Faço parte da classe trabalhadora, sou um trabalhador assim como todos que contribuíram para construção desta família. Lembro-me de trabalhar desde muito cedo, e gostar. Quando ainda criança, fazia laranjinha¹ para vender em casa. Já trabalhei vendendo roupa, aos 12. Dos 14 aos 16 trabalhei fazendo açaí, na lanchonete do ex-esposo da minha tia Mara Rubia (irmã da minha mãe). Aos 16 comecei um estágio na Caixa Econômica Federal enquanto fazia o ensino médio. E desde então, sempre assim, trabalhando e estudando.

Com o tempo percebi que eu dava mais atenção para o trabalho que para os estudos. Na época do meu estágio na Caixa Econômica, por exemplo, eu me dedicava tanto para o estágio, que vivia faltando na escola e que inclusive me rendeu o apelido de turista no último lugar que estudei no ensino médio. Afinal de contas a ação física sempre me pareceu mais interessante que a intelectual (que também pode ser julgada como física em alguma medida). Demorei muito para entender e ainda acredito que em alguma medida estou entendendo que, estudar, ler, escrever, raciocinar, também é uma forma de trabalho.



Comecei a pensar essa performance quando um amigo do meu pai, que é pedreiro, veio reformar o telhado da nossa garagem. Como meu pai sempre trabalhou fora e minha mãe era quem cuidava de nós (eu e meu irmão Guilherme), tive mais contato e proximidade com minha mãe. Sempre amei muito meus pais, admiro muito tudo o que eles fizeram por mim e pelo meu irmão, todo o sacrifício que fizeram para nos sustentar e por isso, mas não somente, os admiro muito. Mas só recentemente após a morte da minha mãe, pude perceber que mesmo admirando muito meu pai e todo seu esforço, não tinha noção que passamos tanto tempo distante um do outro ou sequer tive dimensão do que representou esse nosso distanciamento, o porquê desta distância, no caso o trabalho dele. Foi aí que quando o “Mancha” veio trabalhar aqui em casa, essa figura distante e próxima ao mesmo tempo, trabalhador, mas sem vínculo familiar conosco, me ajudou entender mais sobre meu pai.

Romildo ou “Mancha” (seu apelido) vinha todo dia de manhã ajudar aqui em casa e sempre que me sobrava um tempinho eu dava atenção pra ele. Perguntava se queria água ou qualquer outra coisa e pouco a pouco íamos desenvolvendo uma relação. Primeiro ele começou falando sobre a dificuldade que ele tem de conversar com sua filha mais velha, que estuda arquitetura, mas que está infeliz. Ele não consegue conversar com ela, entende-la, me sugeriu até que eu conversasse com ela a fim de tentar ajuda-la com algo que julga não ser capaz de fazer. De cara não entendi essa relação que tinha entre ele e sua filha e eu e meu pai, até porque eu ainda estou entendendo pouco a pouco esse estranhamento nosso (eu e meu pai) e de onde vem. Com o tempo, ele foi me explicando coisas de sua profissão e quantos conhecimentos diferentes ele tem e teve que aprender para se tornar pedreiro, e que estes conhecimentos inclusive faziam parte da área a qual sua filha estuda. Bingo!

Ele com dificuldade de conhecer sua filha e suas questões, quem sabe ela também sem saber se aproximar do pai, distante de conhecê-lo e entender de onde vêm suas raízes. Por outro lado eu e meu pai e uma tremenda dificuldade de relação e interação. Talvez não por falta de vontade de alguma parte, mas sim por muita dificuldade e até mesmo por não saber por onde começar. Pelo menos da minha parte era assim que eu me sentia. Distante. Estranhos. Muros.

¹ Espécie de sorvete feito de água e xarope ou sumo de fruta, que se congela dentro de um saquinho plástico, produzindo um picolé sem pauzinho.

Meu pai sempre foi muito brincalhão, um *clown* sem nariz eu costumo dizer, uma criança. Por outro lado, apesar de não ter passado da sétima série, sempre foi muito curioso, uma criança querendo descobrir o mundo, preso em um corpo e em responsabilidades de um adulto. Pelo menos esta é a leitura que faço dele. Em fevereiro de 2018 ele foi demitido e como expliquei anteriormente, estamos vivendo uma proximidade que jamais tivemos. É tudo muito estranho, porque com a minha mãe, que cresci ao seu lado, acompanhando-a, conhecia-a bem, pelo menos o suficiente pra dizer que éramos muito próximos. Dela por exemplo, sei dizer que vem a minha inspiração e vontade de estudar, ouvir e ler sobre pontos de vistas diferentes, vontade de entender e buscar resoluções para meus questionamentos filosóficos. Amo muito meus pais e o que há deles em mim.

Existem muros simbólicos que são construídos ao redor dos espaços que passamos. Na universidade, por exemplo, vejo que não entra o conhecimento destas pessoas que levantam muros para sobreviver. E não precisamos ir longe para enxergar isso. Quem levantou os muros dessa universidade? Quem limpa as salas que usamos? O que acontece é que o conhecimento dessas pessoas não entra ali, ou que não são valorizados tanto quanto os que usufruem desses espaços. Por outro lado ainda temos toda essa segregação humana baseada em títulos e relação de poder que inconscientemente entra em jogo nas relações dentro dos espaços públicos como o da universidade por exemplo.





Minha ideia era levantar esses muros simbólicos e em seguida, quebra-los, destruí-los, quebrando também todo preconceito, para que nem eu enxergue a minha história e dos meus como algo ruim ou inferior como também expor o valor do trabalho destas outras pessoas que constroem nosso país. Também para que quem assistisse, pudesse ver que existem ações para além das nossas e que são tão importantes quanto os papéis que desempenhamos na Universidade.

Às vezes pra mim é difícil estar na universidade porque sinto que ela me afasta de onde eu vim, das minhas origens. Mas que também tenho aprendido a reconhecer que este também é o espaço que me apresenta ferramentas para que hoje eu possa refletir sobre tudo isso e talvez romper com todos estes muros. E não é fácil quebrar muros dentro da gente, dói. E às vezes eu não sei lidar com tudo isso.

Esse trabalho fala de trabalho. No final é sobre isso. É sobre todos esses muros e tijolos que são construídos a nossa volta. O quão desesperador é ver-se diferente de tudo, mas também muito igual. Chego à universidade e não me sinto representado pelo espaço, pela maneira de falar, pela forma de se relacionar. Chego em casa, com todo esse vocabulário diferenciado e não consigo comunicar com os meus, porque só eu dentro de casa estudo, enquanto os outros “trabalham” pra nos sustentar. No fim criam-se muros simbólicos, sobre linguagem, assuntos incomuns e as responsabilidades.

Eu só queria quebrar esses muros na minha cabeça. Dentro de mim. E tentar enxergar de forma literal que eu sou capaz de trabalhar o bastante até conseguir por abaixo todos esses muros que possam existir ou não. E por fim, depois de colocar tudo abaixo, poder construir algo que eu acredite ser meu lar, minha maneira de viver e ser livre para no fim, sair do aluguel.



O fim é o começo e o começo é o fim

Minhas buscas na vida e na arte se entrelaçam, de modo que às vezes já não sei se estou buscando sobre mim ou sobre meu fazer artístico, mas sei que no fim quero me expressar, quero saber quem sou, quero ser.

Finalizo esse trabalho com o que foi o começo dele. Iniciei minhas buscas e questionamentos logo depois que minha mãe veio a falecer. Meu desejo inicial era falar sobre o câncer e como eu tinha a sensação de que era uma doença, no caso dela, emocional. Acontece que ao longo desse processo, depois de muito questionar, eu percebi o óbvio. Que ela não voltaria mais, ou não pelo menos do jeito que eu gostaria, mas que essa experiência dela tinha muito por me dizer e ensinar.

Quando penso em todo esse processo de câncer da minha mãe e tudo que nós enquanto família passamos, me vem como uma intuição de que eu precisava percorrer esse caminho interno, dos labirintos da minha mente, olhando para memórias, revisitando experiências, com o objetivo de ter um destino diferente, que tampouco sei que destino é este.

Foi aí que me vieram outras tantas perguntas, por exemplo, quem sou eu? O que faço aqui? Para onde vou? De onde vim? Foi como um despertar para minhas reais intenções com a vida.

Essa foi uma experiência um pouco difícil pra mim, por vários motivos. A ligação filho e mãe que temos e também porque eu estava assustado, era como se ela quisesse me dizer algo através de sua experiência, mas que eu teria que dar conta por mim mesmo. Hoje sinto que tem a ver com cuidar de mim, sobre saber qual o meu propósito e o que eu preciso fazer para desempenha-lo da melhor forma possível. Sobre me valorizar e me priorizar, sobre me conhecer a ponto de saber o que me atrai e o que me molesta.

Tantos questionamentos sobre a vida e a morte me ensinaram muito também. Ensinou-me sobre confiar no mistério. Sobre entender que no fim todos nós de alguma forma somos finitos e iremos padecer. Que devo respeitar nossa jornada e entender que tudo rolou conforme tinha que rolar, que as coisas não acontecem somente como eu desejo e que a natureza tem seu próprio curso. Entendi que o melhor que eu posso fazer é me dedicar ao máximo em estar presente e conectado com a minha experiência terrestre, e confiar que cada um fará o seu melhor aqui.

Tem uma coisa sobre ver e rever as nossas memórias, é que a gente nunca entendeu a vivência por completa ou que estamos sempre expandindo nossa percepção do mundo. A gente compreende baseado na nossa capacidade de compressão naquele dado momento, e por isso até a oportunidade de lembrar minhas histórias para esse trabalho, eu tinha a ideia de que minha vida tinha sido tremendamente difícil, cheia de traumas e coisas negativas, o que hoje consigo ver que não passava de uma ilusão, minha vida tem sido cheia de desafios, lições. Recebi muito amor, amor de várias partes, claro que o amor vem às vezes acompanhado de algumas violências, mas a intenção de fazer o bem e fazer certo estava lá. Hoje vejo que só há o positivo (ou caminho de aprendizados) , e que todo o resto te guia até ele.

Queria retomar todas essas memórias porque de alguma forma queria fazer as pazes comigo, e porque parece que era o mais certo a se fazer.

Pra tanto lancei mão de diversas ferramentas. Escrevi em vários cadernos, em um grupo de whatsapp onde só eu faço parte, gravei áudios, vídeos, escrevi textos no computador, li bastante. E a pergunta que me fica é, para onde irei agora?

Depois de me recolher por um tempo, cuidar de mim e estar de bem comigo, percebi que meu compromisso não é com uma linguagem específica e sim com a vida, sendo a arte uma ferramenta de potencialização da vida. Que o que eu faço é para transformar da arte, vida e da vida, arte.

Referências:

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1993;

AUGUSTO, Thiago Augusto <http://esteshumanus.blogspot.com/>;

CAMPBELL, Joseph. O Herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007;

DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997;

QUILICI, Cassiano S. O conceito de "cultivo de si" e os Processos de Formação e Criação do Ator/Performer. Porto Alegre: Anais da VI Reunião Científica da Abrace, 2011. (Acesso em 20/09/2017 <http://www.portalabrace.org/memoria/vireuniaoterritorios.htm>).